

# A OBESIDADE COMO PRATO CHEIO PARA O CAPITALISMO

---

*Daniel Hamer Roizman*

Psicólogo e psicanalista, mestre em Psicologia Social pela PUC-SP (Núcleo de Psicanálise e Sociedade) e professor e supervisor de Psicanálise da Universidade Ibirapuera (Unib).

E-mail: danielhamer@uol.com.br

**Resumo:** Este artigo propõe expor a obesidade tal como entendida pela medicina para articulá-la à lógica de consumo capitalista. O intuito é demonstrar que os interesses das indústrias alimentícias e da saúde influenciam as causas, o diagnóstico e o tratamento em questão. Também são realizadas considerações acerca da relação entre o sujeito que goza pela via da linguagem e a sustentação social que o gozo fálico tem para fomentar o comer centrado no volume calórico. Desse modo, a característica simbólica do comer é apresentada como simultaneamente estruturante do laço social e da constituição do sujeito. Ao final, são levantadas hipóteses acerca da possibilidade de inserção e atuação da ética da psicanálise em um mundo de políticas que administram e regulam os corpos.

**Palavras-chave:** ética; alimentação; obesidade; medicina; capitalismo; psicanálise.

**Abstract:** The article proposes exposing obesity as understood by the medicine's point of view to articulate it to the consumption logic of capitalism. The goal is to demonstrate that the interests of the food industry and health influence are responsible for causing diagnosis and treatment. Considerations are also made about the relationship between the subject who has the jouissance by the language and social support that phallic jouissance encourages him to eat calorie-centered volume. Thus, the symbolical characteristics of eating are presented as both the structuring of the social bond as the formation of the subject himself. At the end are addressed hypotheses about the possibility of integration and performance of the ethics of psychoanalysis within a world of policies that manage and regulate the bodies.

**Keywords:** ethics; feeding; obesity; medicine; capitalism; psychoanalysis.

A obesidade é um dos fenômenos mais instigantes da contemporaneidade, pois, além de ser tido como epidêmico pela perspectiva médica, é relativamente recente do ponto de vista histórico. Segundo o sociólogo da alimentação Popkin (2008), os últimos cinquenta anos foram fundamentais para o engordamento da humanidade, já que a globalização generalizou o modo de as pessoas se alimentarem, consideravelmente inspirado no modelo do *fast-food* norte-americano.

Como e o que as pessoas comem tem sofrido cada vez mais influência da produção industrial e, logo, do excesso de alimentos disponíveis. À medida que os alimentos industrializados se sobrepõem à produção agrícola, a concorrência aumenta entre as indústrias e dá margem a uma gama muito maior de ofertas disponíveis. No âmbito qualitativo, as hortaliças, cereais e frutas têm cedido lugar a alimentos gordurosos e ricos em açúcares.

Complementarmente a esse aspecto social do comer, a historiadora Sant'anna (2005) frisa que as mídias digitais e os meios de locomoção têm como consequência direta, mas não intencional, o engordamento dos corpos, pela ausência de gasto calórico que implicam.

As políticas e características do mundo moderno resultam nessa “epidemia de obesidade”, que, por sua vez, é absorvida pela lógica de consumo capitalista de múltiplas formas. O ímpeto pela lucratividade a qualquer preço implica que essa possível condição da existência seja tomada tanto como um demônio a ser combatido pelas políticas da saúde de inspiração positivista como algo alimentado pela cultura dos *fast-foods* e dos *lobbies* das indústrias alimentícias e farmacêuticas.

Algumas vias possíveis de atuação da chamada indústria da saúde e de sua ideologia de produtividade/rentabilidade que explora os corpos gordos para adequá-los ao modo de vida saudável são: a querela de cirurgias gástricas, os dispositivos de emagrecimento, as medicações para eliminação de gordura, a tentativa de taxaço elevada de alimentos tidos como maléficis à saúde e a proposta de multa a restaurantes que não informem seus clientes acerca do conteúdo calórico dos alimentos disponíveis.

A própria história da medicina acerca dos critérios de definição da obesidade e da admissão nas cirurgias gástricas também é fator digno de menção. Pois, na medida em que o engordamento da população mundial tem aumentado, a ciência do capitalismo tem estipulado critérios cada vez mais amplos para patologizar as pessoas como obesas. Quer dizer, a engorda hipercalórica coletiva decorre tanto do modo de vida contemporâneo como, também, de uma diagnóstica médica que cria e amplia os

critérios patológicos para potencializar o lucro de empresas e de médicos alinhados com esses tratamentos. Essa influência direta do capitalismo sobre a ciência é que tem contribuído para o aumento do efeito de reificação do ser humano e seu *modus vivendi* consumista, que, por sua vez, tem seu corpo mensurado em cifras e/ou quilos.

Uma reportagem publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, do dia 8/12/10, intitulada “Lobby quer ampliar acesso à cirurgia de obesidade: nos EUA farmacêutica trabalha para técnica ser indicada aos menos gordos”, denunciou a farmacêutica Allergan, fabricante de banda gástrica que diminui a ingestão de comida. Na ocasião dessa reportagem, a empresa almejava que a autorização para a cirurgia de banda gástrica fosse estendida aos pacientes com índice de massa corporal (IMC) entre 30 e 35, de modo que haveria o fim da restrição cirúrgica a esses “obesos”. A consequência principal é que a venda generalizada de bandas gástricas acarretaria lucratividade muito maior à Allergan (MISMETTI, 2010).

Nesse sentido, a cirurgia de banda gástrica e outros procedimentos para emagrecer seriam ampliados de tal forma que perderiam sua finalidade terapêutica. A reportagem cogitava, ainda, que no futuro haveria a possibilidade desse mesmo acesso a pessoas com sobrepeso, sendo possível até seu uso preventivo por parte daqueles que queiram se manter magros e evitar a obesidade.

Entretanto, para o gastroenterologista Ricardo Fittipaldi, entrevistado na reportagem “Cirurgia bariátrica é solução para obesidade” (CIRURGIA, 2011), a redução do estômago tem sido feita de forma exagerada. Diz o entrevistado: “muitos cirurgiões têm inventado comorbidades associadas à obesidade para poder operar pacientes com índices de IMC cada vez mais baixos, apenas para satisfazer desejos estéticos”.

Complementando essa posição do Dr. Fittipaldi, o endocrinologista Gerson Noronha Filho, entrevistado na reportagem “Brasileiros fazem mais cirurgia de redução de estômago” (BRASILEIROS, 2011), afirma que o aumento desse tipo de cirurgia nos últimos anos é um fracasso no tratamento da obesidade. O endocrinologista ressalta que a história de vida do paciente e suas relações familiares são fundamentais para explicar e tratar esse quadro clínico. Dessas considerações médicas pensamos que, apesar do poder da lucratividade na saúde, é possível furar a máquina de padronização e dominação dos corpos. Entretanto, antes de prosseguir nesse ponto, passemos aos interesses das indústrias alimentícias.

Muitas dessas indústrias têm objetivos que perpassam a ocultação dos efeitos nocivos que o açúcar e as gorduras saturadas produzem no organismo, planejando

estratégias promocionais e combos para baratear os alimentos e financiando pesquisas que promovam, sob uma perspectiva “científica”, a ingestão desses alimentos.

O *site* UOL publicou reportagem sobre uma lanchonete norte-americana na cidade de Dallas chamada “The heart attack grill”, que possui como lema central “é o sabor pelo qual vale a pena morrer” (RESTAURANTE, 2011). Sua política consiste em isentar pessoas acima de 160 kg do pagamento de suas refeições e vestir todos os clientes com um avental cirúrgico. Além disso, todos os sanduíches e batatas fritas são embebidos em banha, sendo o maior deles chamado “Quadruple bypass burger” [Hambúrguer das quatro pontes de safena], que tem mais de 8.000 calorias e pesa aproximadamente 1 kg. O cliente que conseguir ingeri-lo sozinho ganha como recompensa um “traslado” de cadeira de rodas da mesa em que sentou até o seu veículo (ou até o seu caixão!).

O dono da lanchonete, John Basso, faz o papel de um médico dono do “hospital” que possui suas “enfermeiras” (as garçonetes sensuais). Sua filosofia central é “dizer a verdade” – que aquela comida vai matar seus clientes – e, com isso, incentivar um modo de vida não saudável, no qual a morte “compense” pelo ganho de prazer. Ele diz que prefere ser franco com seus clientes, já que outras lojas de *fast-food* não os informam sobre o caráter mórbido desse tipo de alimentação.

Curiosamente esse “hedonismo alimentar” coabita com os imperativos de saúde que tendem a limitar o gozo da ingestão de alimentos. Essa contradição é um indício de que a lucratividade inerente ao modelo capitalista é o alicerce de práticas e incentivos amplamente diversos, se não opostos.

Entretanto, essa oposição é “valiosa”, já que esses dois modos de captura do sujeito são complementares sob o prisma do capital. Se, por um lado, a indústria da saúde lucra mais com o aumento do número de obesos, por outro, o indivíduo que ingere alimentos hipercalóricos sabe que a cirurgia e os medicamentos são meios rápidos de barrar e autorizar o gozo ao mesmo tempo...

De qualquer forma, é importante frisar que esse panorama sociológico só se alinha devido à estrutura subjetiva em que cada sujeito singular goza. Ou seja, caso a comida ou o corpo magro não sejam os objetos majoritários de escolha de gozo, dificilmente as propostas hedonistas, como a da lanchonete norte-americana e a dos tratamentos rápidos, teriam efeito.

A articulação da aparelhagem de gozo individual e social é um tema de grande complexidade, já que questiona a ideia de um determinismo social como fundador do

sofrimento psíquico. A noção de responsabilidade subjetiva permite interrogar cada sujeito acerca de suas escolhas inconscientes que o fazem pactuar com certo laço social hedonista de fundo consumista.

Tendo a psicanálise como dispositivo de questionamento capaz de operar na articulação do histórico com o estrutural, haverá possibilidade de desarticulação dos nós inconscientes que limitam o campo de escolha.

### **Pensando o simbólico na alimentação**

Para estabelecer um contraste com esse ponto, trouxemos um recorte da antropologia de Lévi-Strauss (2010a e 2010b), pelos livros *O cru e o cozido* e *Do mel às cinzas*. Essas obras nos permitem acessar uma lógica alimentar desprovida da influência do capitalismo, pois *O cru e o cozido* trata da passagem da natureza à cultura, e *Do mel às cinzas* aborda o perigo de retorno da cultura à natureza.

O primeiro livro traz à luz a estrutura simbólica de certos alimentos cuja função é metaforizar a referida “passagem”. O cru e o cozido, respectivamente, simbolizam a natureza e a cultura, já que o cozido é transformado pela ação do fogo sobre o cru “natural”. Dessa forma, o fogo serve de metáfora para a incidência da linguagem sobre os alimentos.

Em *Do mel às cinzas*, as unidades mínimas dos mitos (mitemas) permitiram a Lévi-Strauss (2010b) deduzir que o mel representa o envenenamento, já que é um alimento que não foi manufaturado, mas disponibilizado naturalmente pelo mundo animal. Nesse sentido, seria uma ameaça que poderia romper a relação do homem com seu laço grupal, marcado pelo descontínuo e pela diferença com o outro, resultados da lógica opositiva do significante.

Sob a perspectiva estrutural do antropólogo francês, os mitos ameríndios entronizam a metáfora da passagem da natureza à cultura pelo abandono do todo homogêneo - estado sem lei e sem regras de parentesco - para o estado heterogêneo, que é marcado pela incidência do tabu do incesto e das regras de parentesco e aliança, tal como exemplificada pela exogamia.

Em suma, os alimentos sob essa perspectiva estruturalista encarnam a linguagem e trazem à tona a riqueza simbólica fundadora do humano como ser comedor de linguagem.

Nessa mesma linha de pensamento, a função do tabaco é igualmente deduzida pela estrutura de cadeia que formam os mitemas (tal como formam os significantes) e metaforiza a abertura para o mundo sobrenatural - algo como um terceiro estado, além do animal e do cultural.

Desses apontamentos de Lévi-Strauss (2010a e 2010b), junto com *Totem e tabu* (FREUD, 1913), o psicanalista francês Haddad (2004), em seu livro *Comer o livro: ritos alimentares e função paterna*, faz uma releitura dos rituais alimentares modernos - principalmente, mas não exclusivamente, os judaicos - para demonstrar que, embora o totemismo seja raro hoje, o tratamento linguístico que as religiões realizam com a comida é muito similar a ele.

Nesse livro, o autor desenvolve a tese de que a estrutura significativa dos alimentos é mais poderosa que as características imaginárias relacionadas à estética e ao gosto. Para tanto, utiliza o jantar da Páscoa judaica, na qual são ingeridos alimentos específicos para ressaltar que cada um deles foi escolhido pelo grupo por conter palavras e frases em sua denominação. Sua ideia é que esse jantar que celebra a saída dos judeus da escravidão do antigo Egito é uma forma de transmissão e incorporação metafórica da lei paterna pela via da ingestão dessas comidas.

Um exemplo interessante dado por Haddad (2004) refere-se a uma espécie de grilo cujo consumo é permitido pela lei alimentar judaica. Trata-se de um grilo que possui a letra *alef* “esculpida” em sua carapaça, o que, para o autor, indica que, biblicamente, a linguagem alicerçada na função paterna se sobrepuja a uma alimentação animal que não institui leis alimentares e não comporta a estrutura significativa. Em suma, seu exemplo ilustra a sobrepujança do desejo e da lei diante da necessidade biológica da alimentação/do comer, endossando a mesma lógica apontada na análise dos mitos ameríndios.

Com essas considerações, podemos marcar uma nítida diferença, mas, ao mesmo tempo, uma complementaridade de expressões do fenômeno da alimentação. A era do capitalismo avançado necessita da existência da religião e dos rituais alimentares, mas essas práticas têm se tornado cada vez mais influenciadas pela economia de mercado, que tende a desmerecer esse valor simbólico dos rituais alimentares e dos costumes em função da lucratividade. Daí a proliferação dos *fast-foods*, ou seja, de uma alimentação centrada no volume, aliado ao apelo imaginário reforçado pela propaganda.

Diante disso, decorrem sujeitos alienados nesse imperativo de produção da “mais-valia” alimentar, pois pensamos o engordamento da população como um nó entre

essa perspectiva volumosa de venda de alimentos e o mais-gozar desenvolvido por Lacan (1991), no Seminário XVII. Precisamente, o mais-gozar é um conceito que caracteriza o corpo como objeto que goza pela via do significante e, nesse sentido, é uma aproximação que não nega a estrutura simbólica da alimentação, mesmo na sociedade capitalista.

Quer dizer, pensamos que essa política de engorda coletiva só persiste, já que há um ganho de gozo no sujeito que dá sustentação a isso. A comida como mercadoria fomenta esse *plus* de gozo estrutural do sujeito, mas as respostas de cada um a isso são amplamente diversas, já que cada sujeito responde a partir de seu Outro primordial.

No Seminário VIII, *A transferência*, na parte 2 do campo *Demanda e desejo nas fases oral e anal*, Lacan (1991) diz que uma demanda oral é a demanda de ser alimentado. Passando pelos significantes endereçados ao Outro, a resposta surge de maneira invertida, daí que o efeito da demanda de ser alimentado caracteriza a demanda de se deixar alimentar. Essa relação oral como o Outro primordial marcará profundamente os laços como o interior e o exterior, de forma a ampliar enormemente o aspecto exclusivamente alimentar da oralidade.

Segundo o texto *A negativa* (FREUD, 1925), a relação com o seio enquanto objeto perdido permite estabelecer a divisão basal bom/ruim, à medida que se ingere aquilo que é bom e se expele o que é ruim. Ou seja, trata-se na concepção freudiana da primeira incidência da lei paterna, pois a divisão bom/ruim está alicerçada na lógica opositiva do significante. Depreende-se desse acontecimento o ato de “comer linguagem”, que, por sua vez, não nega a prévia existência dela ao *infans* - evidência da distinção entre o falar e o ser falado.

Desse fundamento estruturante original que embasa o mais-gozar aparelhado no laço social pela produção de alimentos mercadorias produzem-se fenômenos clínicos variados. Em um caso de paranoia, um paciente utiliza sua carapaça de gordura para se proteger do olhar intrusivo do gozo do Outro. Nesse tipo de problemática, a obesidade serviria de escudo que barra a queda na angústia de aniquilamento. Essa defesa poderia ser entendida como uma forma de busca de estabilização numa possível posição de sujeito (RECALCATI apud MARTINS SANT’ANNA e AMORIM, 1999).

Já numa situação clínica de caráter neurótico, a compulsão alimentar pode servir como fuga de ser comido pelo Outro. Quer dizer, de forma reativa, o indivíduo come para que sua posição de sujeito não desapareça por ser um “alimento apetitoso” a esse gozo oral do Outro (MARTINS SANT’ANNA e AMORIN, 2005).

## Considerações finais

Tecidos esses desdobramentos, pensamos que o tratamento psicanalítico desses fenômenos terá de considerar as dimensões do gozo individual, pensando a estrutura significativa e sua articulação com o “real do corpo gozante” e sua correlata sustentação social. As contemporâneas indústrias da alimentação hipercalórica e da saúde totalitária são grandes desafios para a ética psicanalítica que interroga a viabilização da ampliação da margem de liberdade do sujeito diante do Outro.

Tal liberdade estende-se para além das questões simbólicas do comer, pois esbarra nos âmbitos do imaginário e do real, tão presentes nas temáticas do corpo e da alimentação nos dias de hoje.

Pensamos que, na atualidade, o comer tem se tornado cada vez mais objeto de consumo e tem tido sua função muito atrelada ao volume e ao visual. Esse investimento é diferente daquele dado pelas religiões e pela mitologia, de forma que precisamos estar atentos às suas novas facetas e efeitos.

Os sistemas de saúde inseridos nessa lógica administrativa dos corpos impõem obstáculo à implementação da psicanálise nesses meios institucionais, de forma que poderíamos pensar em uma implementação discursiva dessa ética, na medida em que se trata de uma lógica languageira e não de um ente maligno pensando em engordar as pessoas (GORI e DEL VOLGO, 2008).

Uma via possível de aliança e mudança refere-se à abertura que muitos médicos e profissionais da saúde são capazes de desenvolver para ultrapassar essa padronização e incentivo de gozo. Precisamente quando esses profissionais propõem a escuta e a investigação histórica da vida dos indivíduos, eles reconhecem a nocividade da intencionalidade lucrativa de empresas abrindo espaço para o “mito individual do neurótico” e para o “romance familiar”.

Esse questionamento pode abrir espaço para a inserção teórica e prática da psicanálise em instituições de saúde e mesmo como crítica social ao *modus vivendi* atual, já que essa intuição da existência de um sujeito realizada por alguns profissionais da saúde permite a atuação da psicanálise. A partir desses pontos, achamos que outras formas de apontamento e atuação sobre os furos da ciência positivista alicerçada no capitalismo, além das dimensões reais e imaginárias do corpo e do comer, podem ser mais bem pensadas em futuros estudos.

## Referências

- BRASILEIROS fazem mais cirurgia de redução de estômago (2011). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/bbc/956672-brasileiros-fazem-mais-cirurgias-de-reducao-de-estomago.shtml>>. Acesso em: 9 ago. 2011.
- CIRURGIA bariátrica é solução para obesidade? (2011). Disponível em: <[http://boasaude.uol.com.br/news/index.cfm?news\\_id=9273&mode=browse](http://boasaude.uol.com.br/news/index.cfm?news_id=9273&mode=browse)>. Acesso em: 8 ago. 2011.
- FREUD, S. *Obras psicológicas completas da Edição Standard Brasileira*. Rio Janeiro: Imago, 2002.
- GORI, R. e DEL VOLGO, M. J. *Exilés de l'intime: la médecine et la psychiatrie au service du nouvel ordre économique*. Paris: Denoël, 2008.
- HADDAD, G. *Comer o livro: ritos alimentares e função paterna*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- LACAN, J. *O Seminário, Livro VIII: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O cru e o cozido: mitológicas I*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010a.
- . *Do mel às cinzas: mitológicas II*. São Paulo: Cosac & Naify, 2010b.
- MARTINS SANT'ANNA, E. e AMORIM, L. A compulsão de comer. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, Rio de Janeiro, 1999, v. 2, n. 1, p. 21-29, jan./jun.
- . “A passagem ao ato como fracasso das defesas contra a angústia na obesidade”. In: HANNA, M. S. G. F. e SOUZA, N. S. (Orgs.). *O objeto da angústia*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.
- MISMETTI, D. *Lobby quer ampliar acesso à cirurgia de obesidade*. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. Cotidiano, Caderno C, 2010, p. 10.
- POPKIN, B. *O mundo está gordo: modismos, tendências, produtos e políticas que estão engordando a humanidade*. São Paulo: Campus, 2008.
- RESTAURANTE dos EUA prega dieta não saudável e sabor pelo qual vale a pena morrer (2011). Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/cienciasaude/ultimas-noticias/2011/07/04/restaurante-dos-eua-prega-dieta-nao-saudavel-e-o-sabor-pelo-qual-vale-a-pena-morrer.jhtm>>. Acesso em: 4 jul. 2011.
- SANT'ANNA, D. B. *Corpos de passagem*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

*Recebido em 15/8/2011; Aprovado em 5/9/2011.*